OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 255

21 DE JANEIRO 1886

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA, L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Uma coisa curiosa a fazer se não fosse extraordinariamente massadora, seria o folhear os boletins politicos dos jornaes de partido durante estes ultimos vintes ou trinta annos de vida parlamentar.

E espantosa a fidelidade com que esses jornaes dizem permanentemente a mesma coisa, com que repetem quotidianamente as mesmas accusações, com que reeditam as mesmas defezas.

Aqui ha tempos, em Inglaterra, dois grandes tragicos deram uma serie de representações do *Othello* revesando-se alternadamente nos seus papeis: n'uma noite um fazia o Othello, o outro o Yago: na noite immediata o Yago da vespera era Othello, e o Othello o perfido Yago. Os papeis eram os mesmos, as phrases textualmente as mesmas, a differença estava apenas na pessoa que as dizia.

Na politica portugueza dá-se exactamente a mesma coisa. O governo de hontem, hoje opposição, faz á opposição de hontem, hoje governo, exactamente as mesmas accusações, palavra por palavra, que d'ella recebia, e o governo responde lhe textualmente com a mesma defeza como quando era governo lhe respondia a opposição d'hoje. São perfeitamente uns *clic'ets* que trocam entre si quando permutam o poder.

Por exemplo, abrem-se as camaras: qual é a primeira coisa que faz a opposição? Censurar acremente, com a mesma indignação e as mesmas palavras os ministros por não estarem todos alli sentadinhos nas suas cadeiras, desde que a sessão se abre até que se fecha, e responderem a todas as perguntas que ella lhes faz para entreter a galeria. O que responde o governo? Que os ministros não fogem á responsabilidade dos seus actos, mas que tem que fazer nos seus ministerios, que tem que tratar da causa publica e que não podem perder o dia todo, o seu precioso tempo, n'aquellas questiunculas parlamentares de *lana caprina*.

E n'estas perguntas e respostas, fazendo hoje Othello o papel de Yago e ámanhã Yago o papel de Othello, se passam em todas as legislaturas as horas do «antes da ordem do dia,» e se enchem todas as columnas dos boletins politicos e dos echos parlamentares.

Conhecido como já está de todo o publico este processo de fazer politica, sabidas já por toda a gente, de cór e salteadas, as accusações indignadas da opposição e as respostas do governo, essa musica parlamentar já não faz effeito em ninguem, é uma massada formidavel á força de sabida e de ouvida como o *Trovador* e como o *Barbeiro*. Mal o panno sobe, isto é, a sessão se abre, os *dilletanti* na galeria trauteam já essa romanza da indignação das opposições como trauteam o *Madre infelice*, cantarolam a resposta dos ministros como cantarolam o *Io son Lindoro*, e diverte-se muito menos que em S. Carlos no fim de contas, porque o talento de Verdi e a inspiração de Rossini são muito superiores incontestavelmente ao estylo do sr. deputado A, e ao contraponto do sr. ministro B.

Portanto sabido está que as camaras abertas ha 20 dias ainda não deram nada que falar de si, ainda

A BASILICA DO SANTISSIMO CORAÇÃO DE JESUS, ONDE SE CELEBRARAM AS EXEQUIAS OFFICIAES DE EL-REI D. FERNANDO

não chamaram a attenção do publico, ainda não fizeram nada de util nem sequer de interessante.

Houve apenas alli um acto de perfeita justiça, que veio galardoar o talento e as aptidões provadissimas d'um homem por muitos titulos illustre no nosso paiz — a eleição do sr. Silveira da Motta para a presidencia da camara dos deputados.

O sr. Silveira da Motta de quem como escriptor illustre nos temos occupado mais d'uma vez n'estas nossas chronicas e cujo retrato demos ainda ha pouco no OCCIDENTE como vogal da secção permanente do conselho d'instrucção publica, é um homem politico d'alta competencia, uma capacidade intellectual em toda a extensão da palavra, um funccionario superior que tem dado no exercicio dos seus elevados cargos burocraticos provas brilhantes da sua vasta intelligencia, do seu notavel talento, da sua ampla illustração, do seu zelo pelo serviço publico. A sua eleição para presidente da camara foi bem recebida por todo o paiz, e andou acertadamente a camara, elegendo-o porque ao menos já se póde dizer que n'estes vinte dias de sessão fez alguma coisa boa.

Não nos enganámos quando na nossa ultima chronica previramos um grande *successo* á *Semiramis*. Teve-o e enorme e por varias rasões.

A primeira d'essas rasões foi indubitavelmente o desempenho primoroso, extraordinario que teve em S. Carlos a velha opera de Rossini.

N'este desempenho figuraram em logar proeminente tres artistas, a sr.ª Borghi Mamo, a sr.ª Schalchi Lolli e o sr. Lorrain.

A sr.ª Borghi Mamo é um assombro de talento. Muitas vezes se tem dito d'esta illustre artista que mesmo so um dia, por um qualquer motivo deixasse de cantar, poderia continuar triumphantemente a sua carreira theatral, porque n'ella a grande cantora é *doublée* d'uma eximia comediante.

E uma verdade irrefutavel isto, e portanto comprehende-se perfeitamente o relevo enorme que á interpretação dramatica da *Semiramis* daria o formoso talento d'actriz da illustre cantora.

Musicalmente o desempenho da *Semiramis* pela sr.ª Borghi Mamo foi notabilissimo em geral, foi mesmo extraordinario attendendo particularmente ás condições especiaes da sua individualidade lyrica, e ás aptidões caracteristicas da sua voz, ao genero habitual do seu canto.

A musica de Rossini constitue um genero áparte no mundo lyrico: tem exigencias de *virtuosidade* excepcionaes, requisita uma vocalisação especial, profundamente adestrada nas enormes difficuldades, que n'aquellas melodias rendilhadas caprichosamente, bordadas de *fioritures* surgem a cada momento.

Borghi Mamo, uma cantora dramatica de grande folego, habituada no canto largo, sério, cheio de paixão, d'energia e de vigor, abalançou-se corajosamente á musica brincada, phantasiada, caprichosa de Rossini, corajosamente e triumphantemente.

Cantou toda a parte da *Semiramis* fazendo prodigios de vocalisação como uma dama lyrica de primeira ordem, com um mechanismo perfeitissimo de voz, fazendo com rara felicidade, nitidez e correcção todos os *passos* difficilimos que a Patti faz no desempenho da opera de Rossini.

E d'ahi um duplo effeito no seu papel; o effeito musical, realçado pelo colorido dramatico, pelo alto tom artistico que só podia dar áquella execução uma cantora com o enorme talento dramatico da Borghi.

A sr.ª Schalchi estreiou-se na parte difficilima d'Arsace, uma parte de tão difficil execução que inhibe a maior parte das companhias lyricas de montar a opera de Rossini.

A sr.ª Schalchi que é considerada hoje um dos primeiros contraltos do mundo, é tida universalmente pela primeira Arsace actualmente conhecida.

Nunca tinhamos ouvido cantar a *Semiramis* e por isso não podemos fazer confrontos. Não sabemos se a Stoltz era um Arsace superior ao apresentado pela sr.ª Schalchi, mas o que sabemos é que a afamada contralto agradou-nos immensamente na execução da *Semiramis*.

Não é nova nem bonita, a cantora illustre que debutou na *Semiramis*, mas é elegante, e tem um aspecto varonil que vae perfeitamente a um *travesti*.

A sua voz é d'um bello timbre, tem uma agilidade prodigiosa, e um methodo de canto assombroso.

Como *virtuosidade* nunca ouvimos nada superior e cremos que difficilmente poderá ser excedida.

As suas notas graves são encantadoras e arrebatam o ouvido: as notas medias são menos agradaveis e as agudas pouco vibrantes; mas é uma cantora notabilissima, extraordinaria, que no Arsace da *Semiramis* justificou ampla e gloriosamente a enorme fama de que vinha precedida.

Lorrain um dos artistas mais artista que tem pisado o palco de S. Carlos foi o Assur. Cantor francez, educado na grande escola franceza moderna, nunca cantára a *Semiramis*. É facil de comprehender as difficuldades assombrosas que n'estas condições encontraria na musica rossiniana toda cheia de garganteados, e sem caracter dramatico definido.

Pois um dos maiores *successos* do desempenho da *Semiramis* foi a parte de Assur e Lorrain teve um triumpho completo e brilhantissimo!

A execução verdadeiramente excepcional que teve a opera de Rossini por estes tres grandes artistas, auxiliados muito bem pelo *ensemble*, foi com certeza um dos grandes elementos do *successo* da *Semiramis*, e a primeira rasão do exito colossal obtido pela velha opera.

A outra rasão do *successo* foi exactamente isso: — a opera ser velha.

Para muita gente á força de velha a *Semiramis* era completamente nova, e o seu nome era tão conhecido, andava tanto na tradição gloriosa do nosso theatro lyrico que todos tinham curiosidade de saber finalmente o que vinha a ser a *Semiramis*.

Para outra parte do publico a opera de Rossini era um antigo e querido conhecimento! A *Semiramis* estava presa uma recordação saudosa dos tempos que já lá vão, e muita gente que nunca vae a S. Carlos, que não quer saber de *Carmens*, nem de *Reis de Lahore*, nem de *Mephistopheles*, nem de *Lohengrins*, foi de proposito ao theatro para tornar a ver a *Semiramis* querida da sua mocidade.

Vae já longa a chronica e não nos demoremos mais na *Semiramis*. Sob o merecimento da opera está dito tudo o que ha a dizer: uma obra prima que teve o seu tempo, e é um erro critico querer analysar as obras d'arte antiga á luz do criterio e das ideias modernas.

Uma obra d'arte analysa-se em relação ao seu tempo, e ao meio em que foi produzida.

N'esse tempo e n'esse meio a *Semiramis* foi uma revolução enorme na arte, foi um passo de gigante. Se lhe applicarmos a critica de hoje, se formos procurar na musica brincada de Rossini os caracteres dos personagens, as paixões que se debatem no drama, as situações que se dão no *libretto*, teriamos que fazer á *Semiramis* o acolhimento gelido que lhe fez o publico de Veneza quando ha 60 annos ella se lhe apresentou pela primeira vez. O mesmo effeito, de causas inteiramente oppostas.

A critica ha 60 annos recebeu friamente a *Semiramis* porque ella ia muito além do seu ideal artistico, a critica d'hoje recebel-a-ia friamente porque ella está muito áquem d'esse ideal.

D'aqui a 60 annos o que pensará a critica d'então do *Fausto* e do *Rei de Lahore*?

Não appliquemos á *Semiramis* os nossos processos de critica moderna; estudemol-a no seu tempo: admiremol-a como uma obra prima, que é, no seu logar chronologico, deliciando-nos ainda com um ou outro trecho em que o talento enorme de Rossini teve a intensidade e o vigor sufficientes para libar, até nós, até aos nossos dias, até ao nosso gosto artistico, o seu vôo de aguia gigante.

E é exactamente isso que differença as verdadeiras obras primas das obras mediocres, a quem por qualquer acaso furtuito sorri de momento uma gloria ephemera.

A *Semiramis* porque é uma obra prima, ainda hoje se impõe ao nosso respeito, ainda tem o condão de nos enthusiasmar aqui e alli. A parte do processo é velha, fatiga, cança, mas a parte do talento triumpha brilhantemente do tempo e deslumbra-nos ainda.

O *Elixir d'amore*, de que a empreza de S. Carlos fez reprise noites depois da *Semiramis*, teve grande aura no seu tempo, mas essa aura já lá vae e agora resta apenas uma massada, que nem mesmo intrepretada magistralmente por dois grandes artistas como Cotogni e Masini, conseguiu sequer interessar-nos.

A *Semiramis* é ainda hoje um *successo* em S. Carlos: o *Elixir* não viveu mais do que uma noite.

E que o *Elixir* de Donizetti não é positivamente uma obra prima e a *Semiramis* é: o *Elixir* tem trechos bonitos, a *Semiramis* tem trechos bellos: no *Elixir* ha habilidade, na *Semiramis* ha talento.

Vae muito longa já a chronica para cumprir a nossa promessa de escrever do famoso livro de versos do sr. Castello Branco, *A Lyra meridional*.

Agora mesmo acaba de nos chegar á mão um outro livro, *Curso de Historia da litteratura portugueza*, firmado por um dos nomes mais illustres das nossas lettras, Theophilo Braga, o infatigavel trabalhador, o eruditissimo professor do curso superior de lettras.

D'estes dois livros e d'outros que ha muito tempo temos sobre a nossa mesa de trabalho, falaremos no proximo numero, e hoje terminaremos a nossa chronica com a noticia da viagem do principe real o sr. D. Carlos.

Sua alteza partiu na noite de 17 do corrente pelo comboio da noite em direcção a Paris, por Salamanca, e d'ahi seguirá em viagem pelas principaes côrtes da Europa.

Diz-se que o fim principal d'esta viagem, é visitar sua alteza a princeza que lhe está destinada para noiva, e que dentro em breve será sua esposa, e que, segundo consta nos circulos mais bem informados, é a princeza Maria Amelia, a filha mais velha do conde de Paris, uma das princezas mais ricas e mais formosas da Europa.

Desejamos ao augusto viajante, agradavel passeio e feliz regresso.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

EXEQUIAS DE EL-REI D. FERNANDO

O convento da Estrella

Foi escolhido pelo governo o convento da Estrella para se celebrarem as exequias officiaes por alma de el rei D. Fernando.

No cumprimento do nosso programma, de fazermos a historia contemporanea illustrada, vamos registrar nas paginas do OCCIDENTE esse facto historico, completando assim a chronica d'esse acontecimento, que ha pouco mais de um mez enlutou a nação portugueza.

O convento da Estrella, assim denominado por ser edificado no largo onde já existia o pequeno convento dedicado a Nossa Senhora da Estrella, hoje hospital militar, foi mandado construir pela rainha D. Maria I, com a dedicação de Basilica do Coração de Jesus, em cumprimento de um voto feito pela piedosa rainha, para que Deus lhe desse um successor á corôa.

O cumprimento d'este voto custou a importante somma de 6:400 contos, que não se póde dizer em absoluto que foram mal empregados, visto que se tratava de levantar um templo á Divindade, póde-se comtudo affirmar, que a somma despendida está longe de corresponder á perfeição do edificio, que aliaz é bem defeituoso e apoucado para fabrica tão dispendiosa.

Tanto se convenceu d'isto o seu proprio auctor, Matheus Vicente, que morreu de desgosto antes do edificio se concluir.

A Matheus Vicente succedeu na direcção da obra o major Reynaldo Manuel, ambos discipulos da escola de Mafra.

O edificio ergue-se n'um dos pontos mais elevados de Lisboa, tendo na sua frente o jardim publico da Estrella. O seu aspecto exterior é magestoso dando idéa de um vasto templo interior. Na frente do edificio estende-se um espaçoso adro com dois lanços de degraus de pedra. Tres portas de volta redonda dão entrada para o vestibulo e outras duas, abertas uma de cada lado d'estas, dão serventia para o convento. Entre as tres portas da entrada principal ha, de cada lado, duas columnas com seus capiteis jonicos sustentando os pedestaes de quatro grandes estatuas em pedra representando a Fé, a Adoração, a Liberdade e a Gratidão; em baixo e aos lados, em nichos vasados na parede ha outras quatro estatuas representando santos da ordem de Santa Thereza, que era a ordem do convento.

As duas torres que se erguem aos lados da frontaria são elegantes e custosamente architectadas como se póde ver pela gravura. Estas torres tem onze sinos e um grande relogio cujo sino peza 4:125 kilogrammas.

Na parte superior do edificio avulta o zimborio de fórma circular, que é sem duvida a peça mais bella d'este monumento.

Este zimborio fica sobre o cruzeiro da egreja e constitue a sua principal luz, porquanto as janellas da egreja abertas por sobre as capellas lateraes, pouca luz fornecem ao templo, em consequencia da enorme grossura das paredes do mesmo.

Pela parte interior do zimborio correm duas varandas em frente das duas ordens de janellas que o circundam, uma no primeiro corpo do zimborio e outra no segundo ou lanternim.

E facil de calcular o vasto panorama que d'estas janellas se avista, porque além do zimborio estar a uma altura superior a 50 metros do solo, acon-

tece que esse solo é, como já dissemos, um dos pontos mais altos de Lisboa.

Interiormente a egreja é tambem rica de architectura, principiando pelo vestibulo, onde ha mais estatuas de santos esculpidas em pedra; mas não é bella por extremamente acanhada em relação ao exterior e até desproporcionada na sua divisão, que fórma uma cruz perfeita e por isso mesmo, muito estreita no corpo da egreja e muito acanhados o cruzeiro e capella mór.

É toda de marmore, incluindo o tecto abobadado. Tem quatro altares por banda, fóra os do cruzeiro e capella-mór.

Dois formosos grupos de anjos cinzelados em marmore estão por sobre os altares do cruzeiro; um outro grupo tambem magnifico está por sobre o altar-mór.

Estas esculpturas assim como as estatuas que estão no vestibulo e frontaria, são obra do esculptor Machado de Castro e seus discipulos.

O convento é vastissimo e dos mais ricos de Lisboa, largamente dotado pela sua fundadora.

Ha cerca de quatro mezes morreu a ultima freira que lá havia, e em cumprimento do decreto que extinguiu as ordens religiosas, foi o convento desoccupado e o estado tomou conta d'elle.

Não se sabe por emquanto que destino terá este monumento religioso, que é ao mesmo tempo um monumento nacional e que exprime o estado das artes portuguezas n'um determinado periodo, pois que foi todo delinindo e executado por artistas nacionaes. Entretanto será pena, se no destino que o governo lhe der, não levar em vista a sua conservação, como monumento nacional que é.

Na capella-mór do lado da epistola está mettido em um arco da parede o mausoleu que guarda os os restos de D. Maria I fundadora d'este convento.

As exequias

Não foi sem grande difficuldade que o nosso collaborador artistico, o sr. J. Christino, conseguiu fazer o desenho das exequias dentro do templo. A concorrencia era enorme e a entrada disputada com empenho, consequencia da pouca largueza do templo em relação ao numero de pessoas que tinham de concorrer áquella ceremonia.

A despeito, porém, de todas essas difficuldades, nós podemos dar aos nossos leitores uma estampa d'aquella solemnidade, que complete a discripção que passamos a fazer.

A egreja foi convenientemente armada para o effeito, sendo todos os altares revestidos com espaldares de veludo bordado a ouro e prata. A capella-mór foi toda forrada de ricas armações e o altar-mór ostentava um grande espaldar de brocado de ouro e vermelho com bordados de prata.

No cruzeiro erguia-se o catafalco, que se elevava a grande altura, sustentando duas urnas forradas de veludo com applicações de brocado de ouro; sobre a ultima urna via se o manto e corôa real. Um docel que pendia do lanternin do zimborio, completava a ornamentação do catafalco, o qual era illuminado por grande profusão de luzes que se reflectiam scintillantes nos dourados das armações.

Aos lados do catafalco armaram-se duas grandes tribunas destinadas aos convidados.

Os officios principiaram cerca do meio dia, hora a que a familia real chegou, indo occupar a tribuna da capella-mór, e as damas e camaristas do Paço a tribuna da capella do Santissimo.

Tomaram logar na capella-mór do lado do evangelho os altos dignatarios da côrte, os empregados da casa militar e civil de suas magestades, os capellães, cantores e conegos; o ministerio, ministros de estado honorarios, capellães-cantores e bispos, tomaram logar do lado da epistola. As tribunas que se armaram, foram occupadas, a da direita, pelas deputações dos corpos legislativos e pela magistratura judicial, e a da esquerda pelo corpo diplomatico e enviados extraordinarios de Inglaterra, Hespanha, Russia e Belgica, que se fizeram representar especialmente nas exequias.

Dos lados do catafalco estavam, á esquerda os officiaes generaes, e á direita a camara municipal. O corpo da egreja foi occupado, até ao segundo altar, pelas corporações da Academia Real das Sciencias, Sociedade de Geographia, Associação Commercial, Associação Central de Agricultura, funccionarios publicos e mais associações que se fizeram representar. O resto da egreja foi para o publico.

Officiou o thesoureiro mór da Sé, o sr. conego Cabral, e sua eminencia o cardeal patriarcha presidiu ás absolvições, acompanhado pelos reverendos arcebispos de Praga e de Mitylene e bispos de Coimbra e de Beja.

Assistiram tambem a esta solemnidade os srs. bispos de Bethsaida e de Bragança.

A musica foi a da patriarchal e da real camara, executando o officio de Cherubini, dirigida pelo maestro de capella, o sr. Araujo.

A ornamentação da egreja foi dirigida pelo architecto sr. Raphael da Silva Castro e executada em quatro dias pelos srs. Montes e Pereira, com um grande pessoal de armadores.

Um corpo de infanteria fazia a guarda de honra fóra do templo, e o regimento de artilheria 4, postado no largo do cemiterio dos Prazeres, deu a salva do estylo quando terminaram os officios.

Os embaixadores das potencias que se fizeram representar especialmente nas exequias, eram portadores de lindissimas corôas de flores, que foram no dia seguinte depositar junto do sarcophago de D. Fernando, no pantheon de S. Vicente de Fóra.

O COURAÇADO BRASILEIRO AQUIBADAM

Esteve ha poucos dias no porto de Lisboa d'onde seguio para o Rio de Janeiro o novo couraçado da marinha de guerra brasileira *Aquibadam* de que publicamos n'este numero um desenho, devido ao artista amador o sr. José Pardal, que reune ás suas bellas obras de ourivesaria, em que é um dos mais distinctos artistas, uma predilecção natural pelo desenho de navios, desenhando e aguarellando com grande facilidade e perfeito conhecimento do genero.

O *Aquibadam* é muito semilhante ao Riachuelo de que publicámos um desenho e descripção minuciosa em o n.º 310 do OCCIDENTE, e isso nos poupa agora uma descripção mais desenvolvida.

Foi construido nos estaleiros de Saumda Brothers, de Londres, por conta do governo brasileiro. É uma machina de guerra formidavel entre os da sua classe. A espessura da couraça de aço que o reveste acima da linha d'agua é de 11 pollegadas e abaixo d'agua de 10 pollegadas, tem 280 pés de comprimento, 52 de bocca e 27 de pontal, com o deslocamento de 5:000 toneladas. As machinas são da força de 4:500 cavallos.

Monta 4 canhões de calibre de 9 pollegadas de 20 toneladas cada um, e 4 de 6 pollegadas no convez superior. A sua velocidade é de 14 milhas por hora podendo elevar-se a 15 1/2.

Construido segundo os mais modernos aperfeiçoamentos, junta ás suas bellas condições de navio de guerra, todas as commodidades e luxo que se pode ambicionar em construcções d'esta natureza.

O *Aquibadam* está sob o commando do capitão de mar e guerra o sr. Custodio José de Mello, tendo por immediato o capitão de fragata, o sr. Manoel de Araujo Cortez.

Seguio viagem para o Rio de Janeiro no dia 9 do corrente.

HENRIQUE CHAVES

Isto não é de fórma alguma uma biographia. Faltam-nos para isso todos os elementos, a começar pelas datas. E no fim de contas ainda bem que essas datas faltam! Andam tão ligadas ás nossas, prendem se tanto com a nossa vida, que se ellas apparecessem, essas datas implacaveis, viriam lembrar-nos que já lá vae um bom par de annos que nós estudavamos juntos no *Curso superior de lettras*, e faziamos recitas particulares no theatrinho dos Anjos!

Henrique Chaves é filho de um honrado tachygrapho da camara dos deputados, um bom e sympathico velho, que morava na rua de S. Bento, com quem riamos muito na nossa primeira mocidade, que era de uma bonhomia extrema para todos os rapazes, e sobre tudo para aquelles que elle sabia que estremeciam o seu Henrique, o seu *Ai! Jesus!* e que dorme de ha muito o grande somno no cemiterio dos Prazeres.

Depois de fazer os seus primeiros estudos no Lyceu, Henrique Chaves foi estudar tachygraphia para a camara, com seu pae.

Mas era um rapaz esperto, vivissimo, muito intelligente, todo cheio de paixão por coisas de theatro e por coisas de litteratura, e quando sahia das massadoras sessões dos deputados, desforrava-se da tristeza sorumbatica da representação nacional na alegria jovial da representação de theatrinhos particulares.

E era um curioso de mão cheia, o Henrique Chaves! Tinha fama ahi por essas sociedades de amadores dramaticos, e para papeis comicos não havia outro como elle.

Tinha graça ás carradas, em scena e cá fóra. Era endiabrado nas suas partidas, e ao pé d'elle não havia tristezas.

Com isto um excellente caracter, um genio de pomba, um coração de anjo.

Companheiro mais agradavel do que elle não havia, e ao mesmo tempo amigo mais leal e dedicado.

E por tudo isso os amigos ferviam-lhe.

Nós fomos d'esses. Andámos muito tempo com elle por ahi n'essas patuscadas alegres e despreoccupadas dos 18 annos: nós, e o Pequito, hoje grave deputado, o Domingos Maria Gonçalves um bello rapaz, um enthusiasta ardente, um amigo que foi dos maiores intimos dos nossos 20 annos e que ha muito anda tambem lá pelo Brazil sem d'elle termos noticias directas, o pobre Alexandrino do Carmo, que uma morte prematura e dolorosa tão cedo o roubou ás amisades dedicadissimas que tanto merecia, o Luiz Gonçalves, com quem vivemos muito, e que hoje avistamos lá de vez em quando, de longe, com uma mocidade petulante, como se os annos não tivessem passado tambem sobre elle, o Alfredo Pinto que já n'esse tempo tinha oculos, e era da alfandega como hoje é e tem, o Pedro Maria da Silva Costa, um auctor dramatico então em voga, e que morreu muito mais depressa que as suas comedias, e ainda outros — uma sociedade dramatica inteira, vejam lá que brincadeira para estar a citar um a um.

Nos papeis do Valle é que Henrique Chaves tinha as suas maiores glorias theatraes. O *Diabo atraz da porta*, — uma das taes comedias do Silva Costa que ainda hoje vive ahi por quasi todos os theatrinhos particulares — o Henrique Chaves era magnifico.

Foi esse *Diabo* que elle representou na nossa recita do theatrinho do beco do Forno — ha vinte annos, safa! — elle e o Pequito que antes de representar Lisboa em S. Bento representou o *Diabo atraz da porta*, nos Anjos, e o Ignacio Corrêa, e umas actrizes particulares de quem nunca mais soube o que tinha sido feito, e que nunca deram muito que falar de si na nobre arte de Talma.

Foi um *successo* enorme essa recita, *successo* muito falado .. em todas as nossas casas durante mezes e mezes.

Depois Henrique Chaves não se contentou com as glorias artisticas; quiz coisa mais séria — glorias litterarias, e matriculou-se no curso superior de lettras.

Ahi, elle serviu-nos de muito mais a nós que a elle lhe serviu o curso. Tachygraphava as lições do dr. Jayme Moniz e do conselheiro Viale, e era uma mina para nós, essa tachygraphia.

Um bello dia porem, no meio do curso o tachygrapho desappareceu-nos.

É que Henrique Chaves queria coisa ainda mais séria que as glorias litterarias — era insaciavel, o demonio do Henrique! — quiz dinheiro, e foi-se até ao Brazil.

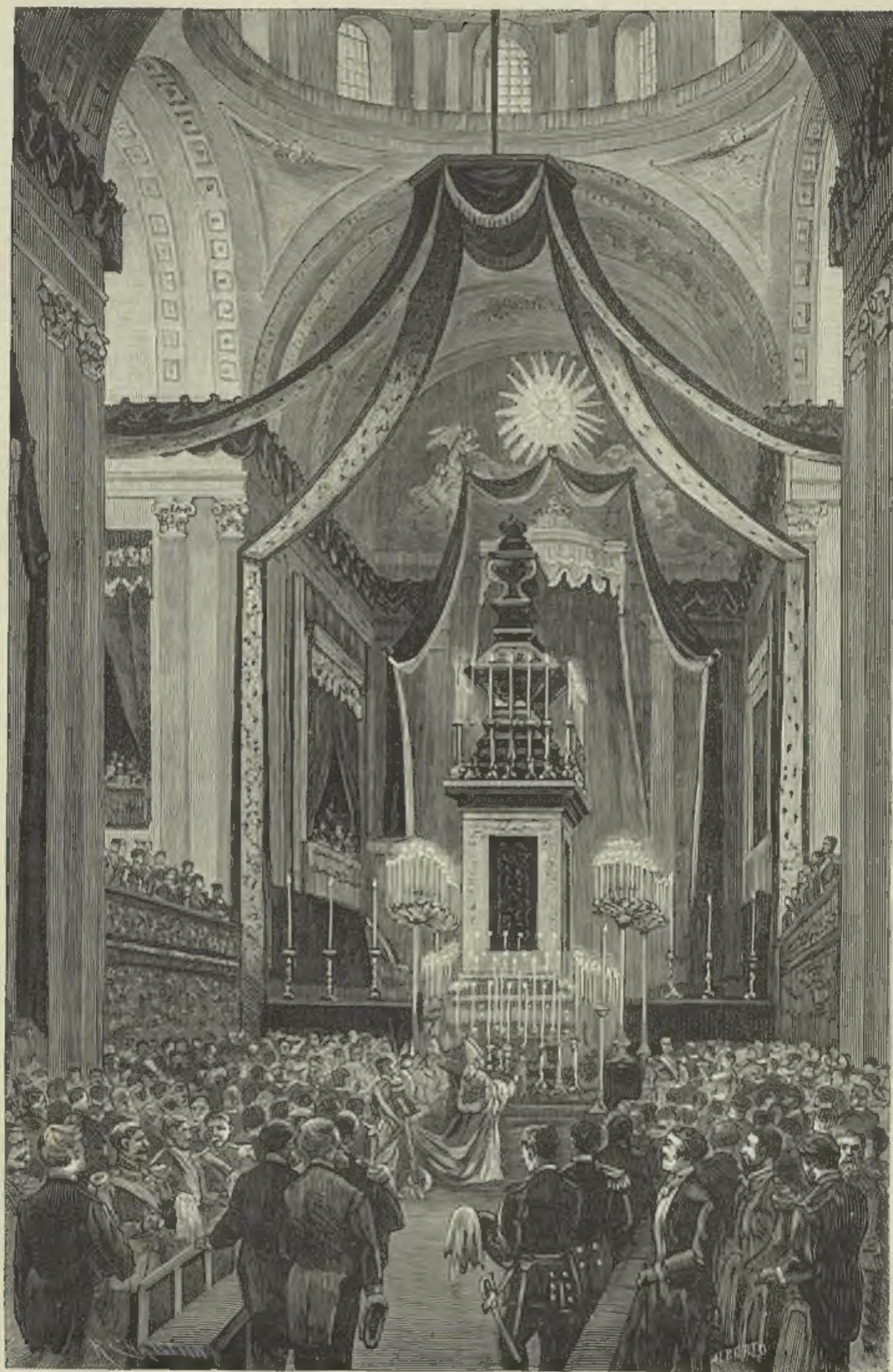
E fez muito bem em ir porque alcançou lá tudo o que procurava, a gloria, o dinheiro, e juntamente com isso esse contrapeso que nunca é demais — a felicidade.

Chegado ao Brazil entrou para a redacção do *Jornal do Commercio* se bem nos lembra, como redactor da secção das côrtes: do *Jornal do Commercio* passou na mesma secção para a *Gazeta de Noticias*, um jornal novo que acabara de fundar o Elysio Mendes, um bello rapaz e um excellente cavaqueador, que hoje vive de todo em Lisboa e o Ferreira de Araujo que lá está a dirigir o jornal com um superior talento, uma *verve* notabilissima, um humorismo extraordinario que faisca quotidianamente nas *Balas de estalo* uma secção da *Gazeta* que parece feita por algum dos mais espirituosos chronistas do *Figaro* de Paris.

Entrou para a *Gazeta de Noticias* como redactor das Camaras, Henrique Chaves, depois foi se alastrando pelas outras secções do jornal, e espalhou por todas a sua veia comica engraçadissima, o seu bom humor e o seu *savoir faire*. Muito estimado no Rio por toda a gente pelas bellissimas qualidades de que o seu caracter é um compendio, Henrique Chaves começou a fazer tambem theatro com exito, e a ser além de querido pelo seu coração considerado pela sua intelligencia.

D'ahi a tempos os seus bons collegas da redacção da *Gazeta*, abriram-lhe de par em par as portas da propriedade do jornal, que floresceu rapidamente e se tornou uma bella propriedade, deram-lhe sociedade n'ella, e já ha muitos annos que Henrique Chaves é um dos donos da *Gazeta*, dono e redactor fazendo se querer cada dia mais pelos seus collegas que o estremecem, e pelos amigos numerosissimos que tem no Brazil e que morrem por elle.

E aqui tem o que nós sabemos cá de longe, da vida de Henrique Chaves, — o illustre jornalista do Brazil, cujo retrato o OCCIDENTE publica hoje.

Ha poucos annos Henrique Chaves esteve em Lisboa, tivemos um vivissimo prazer em o abraçar, e em reeditarmos por umas semanas a uma bella vida antiga — sem theatrinho.

Exequias de El-rei D. Fernando, celebradas na Basilica do Santissimo Coração de Jesus, no dia 14 do corrente
(Desenho de J. Christino)

Depois de estar aqui, o nosso caro companheiro de mocidade, e hoje nosso illustre confrade de além mar, esteve muito doente no Brazil. Felizmente a doença passou, e Henrique Chaves, ás ultimas noticias que d'elle tivemos, estava de excellente saude, felicissimo no seio da sua familia, rodeado da estima e da consideração de quantos o conhecem e de que tão merecedor elle é.

Os seus irmãos que vivem em Lisboa esperam que dentro em breve elle venha cá fazer uma visita, uma visita um pouco mais demorada que a primeira e ultima que nos fez, e que foi quasi de entrada por sahida.

Oxalá que assim seja, e que dentro em pouco tenhamos o prazer de abraçar aquelle bom e querido companheiro, de quem temos sempre vivas saudades e alegres recordações.

Gervasio Lobato.

HENRIQUE CHAVES, REDACTOR DA «GAZETA DE NOTICIAS» DO RIO DE JANEIRO
(Segundo uma photographia de Fillon)

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

II

Os pharoes fluctuantes entre a America e a Europa — Uma nova estrella — Um novo relogio — Superioridade dos reflectores de aço nickelado sobre os de prata.

Chama primeiro, que outros factos, a attenção d'esta modestissima revista, o arrojado emprehendimento do engenheiro Cloudman, de Nova-York, o qual pretende ligar o novo ao velho continente por meio de um fortissimo cabo transatlantico, tendo dez ou doze estações, formadas por monstruosos pharoes fluctuantes, ou navios de ferro, fortemente construidos e presos ao fundo do oceano por grandes e rigissimas ancoras de aço. Segundo o projecto apresentado ao governo dos Estados Unidos por Cloudman, que é tambem um meteorologista notavel, o cabo ligaria as costas da Irlanda ás da Terra Nova.

Cada um d'esses pharoes, representado em a nossa gravura, consiste n'uma grande boia cylindrica, resguardada na parte superior por coberta convexa, do meio da qual sahe uma torre pequena, com armação de ferro. O fortissimo cabo metalico, a que já nos referimos, põe em communicação estas estações umas com outras, e todas com a terra firme.

A torre brilha de noite com a luz intensa de uma lampada de incandescencia, indicando assim seguramente o caminho aos navegantes. Durante o dia grandes numeros, resultado de uma convenção internacional, mostram aos navios de todos os paizes o numero da estação, que é um verdadeiro marco itinerario, e o estado provavel do tempo ou a proximidade de alguma borrasca nas regiões para onde se dirigem. Em caso de afflicção essas estações prestariam os soccorros mais urgentes, telegraphando immediatamente para as estações proximas e para o continente.

Na parte interna o grande cylindro, o qual mede 30 metros de diametro, é dividido em quatro andares, nos quaes ha depositos de viveres, de agua potavel, de carvão, espaço para machinismos, dormitorio para empregados e tripulantes, etc. A torre tem escada e ascensor, além do cabo electrico. Acima dos quatro andares ficam situados, ao nivel do mar, o observatorio, o gabinete de operações, a bibliotheca, a casa de jantar e a cosinha. Tudo isto recebe luz de janellas circulares, dispostas em duas fileiras na parte superior do corpo

O NOVO COURAÇADO BRAZILEIRO «AQUIDABAM» (Desenho do sr. José Pardal)

cylindrico e na coberta convexa. Estas estações devem possuir todos os apparelhos meteorologicos de maxima importancia, e pelas suas observações contribuiriam poderosamente para a previsão do tempo, e aperfeiçoamento da meteorologia. Na parte mais inferior do pharol fluctuante ha commutadores e mais apparelhos que servem de communicação e enlace das estações com a Europa e a America.

O governo dos Estados Unidos devotou se a esta empreza grandiosa e leval-a-ha a cabo. Em tempo uma outra tentativa deu mau resultado: em vez de serem circulares eram duplamente conicas ou ovoides as enormes boias. Por agora parece estar resolvida a questão da fórma. Mas porque preço se sujeitarão a irem isolar-se n'esse espantoso deserto do oceano, homens activos e com a probidade necessaria para exercerem conscienciosamente os seus encargos? Será essa a maior das difficuldades com que a Inglaterra parece-nos ter já luctado e com que a republica norte-Americana terá de arcar. A distancia entre as estações será de 200 milhas, ou 320 kilometros. Os navios poderiam communicar facilmente duas vezes por dia com os dois continentes.

— Em 13 de dezembro do anno passado, Gore observava em Beltra, na Irlanda, uma nova estrella, na constellação de Orion, esse esplendido grupo, que no nosso horisonte se mostra radiantissimo nas noites de inverno com as tres estrellas mui proximas umas das outras, a que o vulgo chama *as trez Marias*, no meio de um trapezio irregular, determinado por quatro brilhantes estrellas. A estrella observada era vermelha e da 6.ª grandeza. No dia 16 foi observada por Copeland em Dun Echt, o qual lhe achou a côr amarello alaranjada. A analyse spetro-scopica revela uma estrella do 3.º typo ou do typo da estrella *alpha* da constellação de Hercules. Esta apparição de novos astros não é caso novo. Hipparco, 125 annos antes da nossa era, observou uma estrella temporaria ou periodica. Em 1572, appareceu a famosa *peregrina* na constellação de Cassiopêa, e tão de repente se manifestou, que foi o publico que advertiu o celebre astronomo Tycho-Brahe. Era tão brilhante como Venus; cinco mezes decorridos, passou á 3.ª grandeza, tornou se branca, amarella, vermelha, novamente branca, e depois apagou se para sempre. Veja se o que a respeito do sol e das estrellas temporarias dissemos em a nossa ultima revista.

Tambem a estrella observada por Kepler passou por todas as côres do *arco-iris*, até que desappareceu. Mas os astros temporarios não são unicamente os que mudam de brilho. Em quasi todas as estrellas conhecidas se observa esse phenomeno, resultado das suas revoluções, ou da interposição de corpos opacos (planetas) entre ellas e a terra, ou effeitos de rotação; todavia essas modificações são excessivamente lentas. A estrella *maravilhosa* da constellação da Baleia tem um periodo de 331 dias e 8 horas, durante o qual passa da 2.ª á 6.ª grandeza durante trez mezes, torna-se invisivel pelo espaço de 5 mezes, e augmenta de brilho da 6.ª á 2.ª grandeza nos trez mezes restantes.

Wolf affirma que a estrella observada em Orion não é um astro temporario, mas variavel, não reconhecida até hoje.

— O sr. Resal chamou a attenção da Academia das Sciencias de Paris para um novo relogio inventado pelo sr. Japy, cuja caixa é uma liga de nickel e que será acceite por todas as classes sem atacar os relogios de luxo. O seu preço é de 5 francos ou 900 réis. Julga o seu auctor que assim a industria franceza poderá competir em todos os mercados com a concorrencia extrangeira.

— A superioridade dos reflectores de aço nickelado sobre os de cobre prateado foi demonstrada por uma das companhias de caminhos de ferro da França. Custam menos e o seu enfraquecimento photometrico é apenas de 10 por 100, depois do primeiro anno.

João de Mendonça.

OS MOTINS POPULARES DO PORTO

(23 DE FEVEREIRO DE 1757)

(Concluido do n.º 251)

Apesar d'esta brutalidade, a camara do Porto entendeu dever replicar, ponderando que, não obstante a cidade ser considerada como a mais opulenta do reino, certo era que, excluidos os bens dos ecclesiasticos, a sua riqueza provinha exclusivamente dos homens de negocio, dos extrangeiros, e da nobreza, classes isemptas do aboletamento militar, vindo assim a recair tão pesado imposto sobre a classe mais pobre, e mais numerosa da cidade.

Para que se avalie devidamente a iniquidade da contribuição que então pesava sobre os habitantes ao Porto, ouçamos o que diziam os seus vereadores municipaes: «*Pelo calculo que mandámos fazer do cabedal de todos os moradores, a sua despeza annual, computada com a que fazem as tropas em cada um dos mezes, vem a importar muito mais do dobro do rendimento annual dos ditos moradores, e a ser uma destruição total de innumeraveis familias.*»

A camara affirmava tambem ser notorio: *haverem muitos vendido as roupas e moveis de seu uso, sendo infallivel a ruina da cidade.* «Os honrados vereadores da camara do Porto confessavam timidamente: *que as lagrimas dos moradores da cidade só com as proprias lagrimas podiam deferir.*»

A representação do senado do Porto tem a data de 6 de julho; pois só a 5 de setembro foi que o irreconciliavel ministro se resolveu a officiar laconicamente aos vereadores e procurador da camara do Porto, dizendo lhes simplesmente, que o presidente da alçada lhes participaria a resolução que Sua Magestade houvesse tomado a tal respeito.

Na mesma occasião em que o Marquez de Pombal tão avaro de palavras se mostrava, recommendava elle ao presidente da alçada *que cortasse por todas as formalidades civis que pudessem retardar os processos dos reus, sem dependencia de mais provas, mandando-os ouvir a todos por um só procurador, bastando para a condemnação,* ATÉ A MORTE NATURAL INCLUSIVAMENTE, *a confissão dos reus, com a fé do respectivo escrivão!*

Até a morte natural *inclusivamente*, recommendava o sanguinario ministro, observando-se apenas os termos do direito natural, tudo em conformidade com o decreto de 28 de fevereiro de 1757. Mas, que solução, ou deferimento teve a representação do senado do Porto contra os aboletamentos? Ainda mais uma vez a ironia. Os aboletamentos foram substituidos por um imposto sobre diversos generos de consumo, dando-se poderes illimitados ao presidente da alçada para tudo o que dissesse respeito a tal negocio! *No meu particular*, accrescentava o ministro, *podem V. M.ces estar seguros em que desejo promover no pouco que em mim cabe* (que modestia!) *tudo o que puder fa*[...]

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 251)

XV

Ocaso de uma estrella funesta

No dia seguinte o *Trovão* apresentava o *Frade* ao corregedor do crime.

Fôra com essa condição que elle se prestára a auxilial-o.

Queria reconquistar todo o seu antigo prestigio, e essa ambição cegou-o a ponto de o perder.

Julgava-se inteiramente superior aos seus companheiros, e porque obtivera sobre elles victoria completa, julgou poder repousar tranquillamente á sombra dos louros colhidos, que eram o seu orgulho.

Elle tinha calculado aquelle desenlace e aguardara-o com impaciencia.

Ha muito que seguia de perto todos os passos do *Trovão*. Sabia o empenho com que elle o procurava, as diligencias que por encontral-o fizera e comprehendera com que interesse elle tratava de fazer restituir á liberdade os seus companheiros.

Tudo isto provocava a sua ambição.

— Ah! miseravel, exclamava comsigo, estás dispondo de uma influencia que não é tua, estás desempenhando um papel que é meu, que eu creei, que a mais ninguem pertence.

E levado d'esta preoccupação, protestou reconquistar a todo o custo essa auctoridade.

Seguindo os seus companheiros desde que elles sairam da prisão, foi ter ao Paço de Entre as Hortas, logar onde o *Trovão* lhes havia marcado a entrevista.

Então comprehendeu logo que alguma cousa de interessante para elle se havia de ir passar entre aquelles homens, e procurou achar maneira qualquer de não perder uma unica das palavras d'essa entrevista.

Introduziu-se subrepticiamente nos velhos casebres que davam para a azinhaga e poude d'ahi assistir ao interessante debate que a seu respeito se travou entre aquelles scelerados.

Quando já lhe não foi possivel conter-se, appareceu.

O mais bello momento da sua vida foi de certo esse.

— Ondina, disse elle á cigana ao recolher a casa, vamos emfim ser gente, sair d'esta miseria; de ámanhã em deante já posso andar por ahi de cara levantada, sem medo que me peçam contas d'aquella fuga do convento de Santo Eloy.

E contou o que lhe succedera, como as combinações do plano que urdira haviam chegado a uma conclusão desejada.

A cigana firmou-se nas pernas cambaleante por effeito da embriaguez chronica, que já era n'ella padecimento incuravel, e respondeu lhe:

— Eu, no teu logar, não ia com elles ao céo quanto mais a casa do corregedor.

O *Frade* fulminou-a com um olhar altivo.

Duvidar do acerto de uma deliberação sua, afigurava-se-lhe uma affronta.

Entretanto corria o *Trovão* a casa do corregedor.

Na mente resolvia-se-lhe um turbilhão de idéas confusas.

Nunca sentira de uma maneira mais pesada e cruel a superioridade de um homem.

O que havia elle exigido de si, a que se havia compromettido?!

Punha as mãos na cabeça e apertava a com violencia.

Obrigára-se com o *Frade* confessar deante do corregedor o roubo que lhe fizera.

Era condição impreterivel e teve de acceital a, porque o tempo urgia e tornava-se preciso que a sua obra se completasse.

Pela sua parte o *Frade* obrigava-se a prestar todos os esclarecimentos para a prisão dos conspiradores, cujo paradeiro constituia o seu segredo.

Mais ainda, compromettia-se a que nenhum d'elles escapasse á vindicta das justiças do condeduque.

Via-se pois o *Trovão* esmagado debaixo do proprio edificio que alevantara á custa de tantos trabalhos.

Todo o seu valimento perante o corregedor ia desapparecer.

D'aquella hora em deante ficaria sendo perante elle um ladrão insignificante, um espião vulgar, um pobre diabo sem importancia alguma.

— Não, não! exclamava mordendo de enraivecido o labio inferior, a ponto de o fazer sangrar.

E meditava a maneira de tambem por sua vez lograr o *Frade*.

Elle dirigia-se para a Calcetaria, onde era a morada do corregedor, e atravessava a rede immensa de beccos que iam ter áquella rua.

Ao voltar, porém, uma esquina, foi surprehendido por uns homens que brigavam de espada em punho, empenhados n'um d'esses duellos então muito vulgares nas ruas de Lisboa.

A escuridão na noite não lhe permittiu que reconhecesse os contendores, que, todavia, pelos trajos, notou serem de qualidade, talvez fidalgos poderosos de cuja influencia lhe podesse vir ainda algum beneficio.

A luta era naturalmente desegual, porque se empenhava entre um homem contra tres, por igual esforçados e sabidos no manejo das armas.

Levou immediatamente a mão aos copos da sua espada e pôz-se em guarda. Seria mesmo impossivel e perigoso ir mais adeante, attendendo a que os combatentes tomavam a rua toda, uma estreita viella que, em circunstancias normaes, mal daria passagem a dois homens que quizessem caminhar a par um do outro.

— Em guarda, miseravel espião, dizia um d'elles avançando sobre o adversario, que se defendia desesperadamente.

— Havemos de arrancar-te essa lingua com que denunciaste André Rodrigues da Cunha.

— Ah! cobardes, que se eu tivera aqui algum dos meus lacaios, mandaria marcar-vos com um chicote as faces villãs.

Estas palavras esclareceram de momento o espirito do *Trovão*.

Não havia duvida nenhuma, que tinha tudo a ganhar, tomando n'essa luta o partido do mais fraco.

André Rodrigues da Cunha era o nome de um advogado celebre que havia sido recentemente encarcerado pelo santo officio.

Aquelle espião que tinha lacaios a seu soldo era algum fidalgo, familiar da inquisição que o prendera e contra o qual os amigos do advogado se haviam armado, preparando-lhe aquella cilada.

A occasião era magnifica.

— Senhor, podeis dispôr da minha espada e do

ser compativel com o serviço de Sua Magestade.» Não commentaremos.

Por uma notavel coincidencia a tinta com que está escripto o livro de que temos extractado todas estas iniquidades, e que se conserva negra, apesar dos seus cento e vinte e quatro annos de duração, toma de repente a côr rubra do sangue ao chegar á transcripção do accordão dos desembargadores da alçada, que antecede a sentença dos reus, e leva a data de 12 de outubro, a antevespera da *grande tragedia*, como o proprio Marquez de Pombal a classificára!

Não é nosso proposito dar conta aqui da sentença que corre impressa em tres edições, contra os reus do levantamento promovido na cidade do Porto, contra a Companhia dos Vinhos do Alto Douro, vindo a morrer enforcados em virtude d'ella 21 homens e 5 mulheres; padecendo pena de açoutes, galés e degredo, 34 homens e 9 mulheres; e sendo degredados, sem açoutes, 67 homens e 15 mulheres! A isto chamava o Marquez de Pombal a *incomparavel clemencia* de seu Augusto Amo e Senhor!

Não queremos alargar esta escripta e por isso lhe pômos aqui ponto, recordando a magnanimidade com que o Marquez de Pombal permittiu depois que a Misericordia do Porto enterrasse os cadaveres dos justiçados, *ficando-lhes as cabeças na forca até se consumirem.*

Já é grandeza d'alma!

L. A. Palmeirim.

RESENHA NOTICIOSA

Exposição Industrial em Lisboa. A Associação Promotora da Industria Fabril, resolveu n'uma das suas ultimas reuniões, promover uma exposição da industria portugueza, em Lisboa, a qual se deverá effectuar em maio de 1887. Para realisar este seu proposito, os membros do conselho administrativo e a commissão de estudo das exposições, vão dirigir-se a el-rei D. Luiz a pedir a sua protecção, e para que a exposição se possa fazer na real tapada d'Ajuda, servindo-se das edificações que se fizeram para a exposição agricola. Esperam que o principe real D. Carlos acceite a presidencia da grande commissão promotora da exposição. De ha muito que se pensa em fazer uma exposição da industria portugueza, e Deus queira que d'esta vez se realise, porque muito tem a lucrar com ella a mesma industria, talvez a menos conhecida no paiz.

Vicente Ferrer Netto de Paiva. Falleceu na longa edade de 86 annos, na sua quinta do Freixo, cercanias da Louzã, o conselheiro Vicente Ferrer Netto de Paiva, par do reino e antigo lente da faculdade de canones, na universidade de Coimbra, de que foi tambem reitor nos annos de 1863 a 1865, em que se jubilou. Nasceu a 27 de junho de 1799, doutorou-se na universidade de Coimbra em 1821 e foi provido lente em 1834. Em 1857 fez parte do ministerio sob a presidencia do duque de Loulé, na pasta da justiça, no curto espaço de dois mezes. Era um espirito esclarecido, de uma grande independencia de caracter e profundamente liberal.

Medidas postaes. Em consequencia de uma conferencia entre o sr. Guilhermino de Barros, director dos correios e telegraphos de Portugal e o sr. Mansi, director dos correios de Hespanha, ficou resolvida a troca de encommendas e valles postaes entre os dois paizes, assim como a reforma das linhas telegraphicas, estabelecendo communicações pelas fronteiras e apparelhos que permittam maior rapidez n'essas communicações.

Sacca-rabo. Appareceu nas proximidades de Leça da Palmeira um animal d'esta especie, o qual foi morto pelo sr. Alfredo Bastos n'uma caçada em que andava. O apparecimento d'este animal n'aquella parte do paiz despertou uma grande curiosidade, por ser alli completamente desconhecido. A este respeito escreve o sr. J. Allen, n'um jornal do Porto, o seguinte: «Levados por curiosidade e um certo amor por assumptos de historia natural, logo que tivemos conhecimento d'este facto, importante para o estudo da fauna portugueza, procurámos aquelle nosso amigo, o qual benevolamente nos fez a descripção tão completa do animal, que desde logo julgámos havel-o reconhecido: e hoje, confirmada a nossa primeira opinião pelo exame feito no proprio animal no gabinete do preparador, podemos affirmar que é um bello exemplar do *sacca-rabo* (*Herpeste Widdringtonu*), animal commum no Alemtejo e na Extremadura, porem, ao que nos consta, desconhecido até agora no norte do paiz. Uma das circumstancias que tornam notavel este animal é ser a sua area de dispersão limitada a parte de Hespanha e Portugal, unicos paizes da Europa em que se encontra, e na qual é o representante dos *mangustas* (herpestes). Os hespanhoes chamam-lhe *melon* ou *meloncillo*. É um carnivoro e, como tal, dado inteiramente ao assassinio e ao roubo; nada perfeitamente e habita de preferencia as immediações dos cursos de agua. Os seus habitos e caracteres differem muito pouco dos do seu congenere do Egypto, o *Ichneumon (rato de Pharaó)*, o qual lhe é um tanto superior em corpulencia. O *sacca-rabo*, adulto e bem desenvolvido, mede, do focinho á extremidade da cauda, mais de um metro.»

Embaixada turca em Berlim. Nos dias 15 e 16 do corrente realisou-se em Berlim a recepção do embaixador turco Tewfik-Pachá a que concorreu toda a aristocracia, corpo diplomatico e auctoridades militares e civis d'aquella capital. O embaixador Tewfik-Pachá é ainda moço e um dos diplomatas mais qualificados da Turquia.

Liberalismo republicano. O novo ministerio francez apresentou as camaras, no dia 16 do corrente o seu programma, no qual se lêem os seguintes periodos, que dão idéa da tolerancia republicana com respeito as opiniões politicas dos funccionarios publicos. Eis os taes periodos:

«A tarefa do anno de 1886, parece-nos bem simples de definir. Em primeiro logar temos de estabelecer a ordem e a disciplina na administração. Com o favor das idéas liberaes que são a honra da republica, e da independencia que ella tende a assegurar cada vez mais aos cidadãos, certos funccionarios chegaram, por uma singular confusão, ao ponto de se considerarem como livres de qualquer obrigação para com o Estado, fóra do desempenho dos seus deveres profissionaes. Não só não dão o seu apoio ás instituições, em nome das quaes exercem o seu mandato, mas acham que lhes é permittido combatel-as abertamente.

«É tempo de acabar com um espectaculo tão anarchico. Cumpre que ninguem esqueça para o futuro, que a liberdade de opposição contra o governo não exista para os servidores do Estado.

«Estes devem á Republica pelo menos uma attitude digna, leal e respeitosa. Estamos decididos a obter por toda a parte a dedicação e a fidelidade, e a dar os exemplos para esse fim necessarios.»

---

meu braço, gritou elle, dirigindo-se ao supposto fidalgo.

E porque não houvesse occasião para outras explicações, lançou-se na luta com tal ardor, distribuindo golpes tão certeiros e terriveis, que em poucos momentos poz em debandada e fóra do combate os seus adversarios.

— Ah! senhor, vós fostes a minha Providencia, disse cheio de reconhecimento o nobre senhor cujo partido elle tomara.

— Nada tendes que me agradecer, pois cumpri apenas com um dever de lealdade castigando a cobardia d'aquelles miseraveis.

E como quem se despede, accrescentou:

— Precisaes ainda de mim, senhor?

— Uma palavra mais.

— Estou ás vossas ordens.

A pessoa que se lhe dirigia, e cuja vida acabava de salvar em momento tão critico, era um elegante rapaz que trajava com esmero e distinção fidalga.

— Chamo-me Manuel de Pina e sou filho do escrivão do juizo do crime, disse elle.

O *Trovão* curvou-se em signal de respeito.

Conhecia perfeitamente o escrivão do juizo do crime. Mais de uma vez o encontrara em casa do corregedor. Afigurou-se-lhe portanto auspicioso aquelle encontro.

— N'esse caso não sois inteiramente estranho para mim, senhor, respondeu o *Trovão*. Mais de uma vez tenho tido a fortuna de encontrar vosso pae em casa do corregedor Gabriel Pereira de Castro.

— Em tudo que vos possa ser util estou ao vosso dispôr.

Separaram-se depois de trocarem um affectuoso aperto de mão.

O filho do escrivão do crime dirigiu-se para o lado do Rocio, e o *Trovão* seguiu o seu caminho da Calcetaria.

Momentos depois era admittido em casa do corregedor.

— Os homens foram postos em liberdade? Que fizeram? perguntou gravemente.

— Tudo que eu havia promettido ao sr. corregedor.

O magistrado dignou-se fixar n'elle olhares prescrutadores.

— Como assim!?

— Amanhã mesmo poderão ser expedidos os mandados de prisão, se assim o ordenar, senhor corregedor.

— Se assim fôr, creia que os seus serviços serão tomados em devida conta.

— Só pedia ao senhor corregedor que me respondesse a uma pergunta que desejo fazer.

— Fale.

— O individuo que favorece a fuga de qualquer criminoso que a justiça persegue, deve ou não ser considerado seu cumplice?

— Certamente.

— Logo, proseguiu o *Trovão* radiante, cheio de uma satisfação diabolica, a pessoa que nos vae fornecer as informações de que nós carecemos para complemento d'este negocio, está perfeitamente n'esse caso, porque foi ella a propria que, para se vingar de mim, deu aviso aos conjurados de que iam ser presos e se poz em correspondencia com elles.

O corregedor comprehendeu a intenção d'estas palavras e replicou:

— Havendo provas d'essa correspondencia?

— Nada mais facil. Para obtel-as basta que, emquanto elle aqui estiver fazendo as suas revelações, se proceda a uma busca rigorosa na casa onde habita.

— E se apezar d'isso não apparecerem?

Sempre se provará alguma cousa para que ao menos se não fique rindo do triste papel que me faz representar.

D'esta vez, porém, é que o corregedor ficou inteiramente embaraçado sem perceber o que elle queria dizer.

— Sim, proseguiu de punho cerrado e gesto vehemente, porque esse homem, que a força das circumstancias me obriga a trazer aqui, dispõe-se a annular n'um momento o fruto do meu trabalho de mezes, o prestigio que havia alcançado, a gloria que me fascinou e que era toda a minha vida e a esperança toda do meu futuro.

Esta melodramatica tirada ainda mais desnorteou o corregedor.

— Senhor, proseguiu o *Trovão*, exaltado, como quem joga a ultima carta: a fatalidade fez com que me encontrasse um dia com aquelle maldito *Frade*, que é o homem mais astucioso e temivel que tenho conhecido. Elle commanda uma quadrilha de ciganos.

O corregedor encrespou o sobr'olho.

— Forçado pelas circumstancias fiz-me seu cumplice; mas, espreitando sempre o ensejo de me desligar d'elle, surprehendi-lhe um dia o seu segredo, arranquei-lhe das mãos as provas do odioso trama e resolvi entrar em vida nova.

— Comprehendo...

— Entendi que seria de maior vantagem para mim obedecer ás ordens do conde-duque, que obedecer ás determinações do *Frade*, mas o malvado inutilisou-me os projectos.

— E exige?

— Que se mudem os papeis, que eu volte a ser um escravo e que elle seja admittido á confiança do conde-duque. Ora para servir o sr. corregedor sujeitei-me a tudo, pois commigo mesmo considerei que, tendo eu a protecção de sua mercê, poderiamos obter que ainda d'esta vez se voltasse o feitiço contra o feiticeiro, fazendo com que estalasse a castanha na bocca ao guloso do *Frade*.

Gabriel Pereira de Castro mediu-o de alto a baixo com o seu olhar vivo e scintillante.

— O corregedor ha de saber fazer justiça, disse.

E fazendo-lhe signal para que se retirasse, despediu-o, dizendo:

— Até ámanhã.

Em seguida mandou chamar um dos seus empregados, com o qual se demorou, passando algumas ordens que deviam ser executadas no dia seguinte.

Foram estes os preliminares da apresentação do *Frade* em casa do corregedor.

Quaes seriam as consequencias d'esse passo arrojado?

O *Frade* e o *Trovão* jogavam n'essa carta todo o seu futuro, o corregedor ia mais longe.

Desde que obtivera pleno conhecimento das pessoas com quem tratava, projectára logo prestar dois grandes serviços:

Ao estado, livrando-o das perturbações de quatro agitadores fanaticos que inquietavam os governadores do reino escravisado e abatido; á justiça, entregando-lhe dois malfeitores cheios de audacia, de sagacidade e de ambição.

Leite Bastos.

(Continúa)

CARTA DE BISMARCK AO PAPA LEÃO XIII. É sabida a divergencia em que de ha muito andava a Allemanha com a Santa Sé, e como pouco a pouco se tem ido approximando os dois potentados, devido á rara diplomacia empregada por Leão XIII. A questão das ilhas Carolinas veio influir poderosamente para a reconciliação das duas potencias, pela escolha da Allemanha, do papa para arbitro ou medianeiro do conflicto levantado entre aquella nação e a Hespanha. A mediação e parecer do papa foram acceites, como já referimos no nosso numero antecedente, e este facto encheu de reconhecimento Sua Santidade, que dirigiu a Bismarck uma carta affectuosa acompanhando uma condecoração pontificia. A essa missiva e distincção, acaba o illustre chanceller do imperador Guilherme de corresponder, com uma carta tambem muito affectuosa, dirigida ao papa, a quem foi apresentada pelo ministro allemão, junto do Vaticano o sr. Schlozer. A carta é concebida nos seguintes termos: «Senhor. A honrosa carta com que Vossa Santidade me premiou e a elevada condecoração que a acompanhava, foram para mim de grande alegria, e rogo a Vossa Santidade se digne receber o meu profundo reconhecimento. Todo o signal de approvação a uma obra de paz em que pude concorrer é para mim tanto mais valioso, pela satisfação que traz a Sua Majestade, meu augusto amo. Diz Vossa Santidade na sua carta que nada se ajusta melhor no espirito e á natureza do pontificado do que as obras de paz. Foi essa mesma idéa que me guiou a pedir a Vossa Santidade para acceitar a elevada missão de arbitro na questão pendente entre a Allemanha e a Hespanha, e quando fiz ao governo hespanhol a proposta para nos submettermos de uma e outra parte á decisão de Vossa Santidade. A consideração de não estarem as duas nações em egual situação, com respeito á Egreja que venera em Vossa Santidade o seu chefe supremo, nunca entibiou a minha firme confiança no alto espirito de Vossa Santidade o qual me garantia a maior justiça e imparcialidade do seu *veridictum*. As relações entre a Allemanha e a Hespanha são taes, que a paz que existe entre os dois paizes não está ameaçada por nenhuma divergencia de interesses, nem por odios antigos, nem outras rivalidades inherentes á sua posição geographica. As boas relações habituaes só as poderão perturbar circumstancias fortuitas ou mal entendidos. Em vista d'isto é muito para esperar que a pacifica acção de Vossa Santidade terá effeitos duradouros, e entre elles, considero especialmente a grata lembrança que ambas as partes conservarão do augusto mediador. Emquanto a mim aproveitarei com o maior empenho toda a occasião, que o cumprimento de meus deveres para com meu amo e para com a minha patria me permittam, para certificar a Vossa Santidade o meu reconhecimento e humilde dedicação. Sou com o sentimento do maior respeito, Senhor, de Vossa Santidade o mais humilde servidor. — *V. Bismarck*.»

UMA ACTRIZ CONDECORADA. Cecilia Lefort, celebre actriz franceza, foi condecorada pelo presidente da republica da Bolivia, com a commenda da ordem de Bolivar.

TERRAMOTO. A cidade de Amatitlan, na America central, foi distruida por um terremoto no dia 18 de dezembro ultimo. Sentiram-se ainda mais abalos de terra em outros pontos proximos.

SOCIEDADE DE ESTUDOS BRAZILEIROS. O sr barão de Arinos, ministro do Brazil em Paris, fundou n'aquella capital, uma sociedade internacional de estudos brazileiros, cuja sessão inaugural teve logar no dia 14 do corrente na sala da Sociedade de Geographia de Paris.

OURANG-OUTANGO INSTRUIDO. Alguns jornaes de Paris dão a noticia, importada da Australia, de que um domador de feras conseguiu educar o ourang-outang a ponto de o fazer ler, escrever e cantar. Se a coisa se vulgarisa, ahi temos mais concorrentes a amanuenses.

PROJECTO DE PHAROES FLUCTUANTES ENTRE A EUROPA E A AMERICA PELO ENGENHEIRO A. CLONOMAN

Vid. artigo "Actualidades Scientificas,

TELEPHONE. Projecta-se estabelecer entre a cidade do Porto e as cidades de Braga e Guimarães, uma rede telephonica que ponha em communicação as tres cidades. A iniciativa d'este melhoramento é do sr. J. Barros Carneiro, que pretende para esse fim organisar uma sociedade.

BEBIDAS E OUTROS PRODUCTOS ALIMENTICIOS COLORIDOS. O commercio apresenta ao consumo publico muitos productos alimenticios que nos despertam cubiça pelo seu bonito aspecto colorido, como são certos licores, pastilhas, amendoas e confeitos, gelatinas, etc., e entretanto esses productos tão appetitosos, são bastante nocivos á saude, porque para se obterem aquellas cores que nos fascinam, empregam-se, na sua maioria, substancias venenosas. Por cohibir quanto possivel este germen de doenças, que inconscientemente absorvemos com prazer, acaba o governo francez de prohibir aos fabricantes d'estes productos o emprego de drogas colorantes que contenham veneno, a saber: *Cores mineraes*: — compostos de cobre: cinzas azues, azul montesino; compostos de chumbo: massicote, zarcão, minium laranja, oxychloreto de chumbo, amarello de Cassel, amarello de Turne, amarello de Paris, carbonato de chumbo, branco de chumbo, alvaiade, branco de prata, antimoniato de chumbo, amarello de Napoles, sulfato de chumbo; amarello da colonia; chromato de baryta, amarello ultramar; compostos de arsenico: arseniato de cobre, verde de Scheele, verde de Schweinfurth; sulfureto de mercurio, vermelhão. *Cores organicas*: — gomma gutta, aconito (napel); materias corantes derivadas da anilina e de seus homologos, taes como a fuschsina, azul de Lyon, flavanilina, azul de Mythelene; phtaleinas e seus derivados substituitivos; rosina, erythrosina; materias corantes que encerrem no numero de seus elementos o vapor nitroso, taes como o amarello de naptol, amarello Victoria; materias corantes preparadas por meio de compostos diazoicos, taes como tropeolinas, vermelhos de xylidina.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Almanach da Typographia Castro Irmão, para 1886. — Este livrinho publicado todos os annos pelo sr. Castro Irmão, e offerecido aos seus amigos e numerosos freguezes do seu magnifico estabelecimento typographico, é um pequeno especimen typographico muito apreciavel, que se destingue de um modo especial entre os productos typographicos da industria portugueza.

O Alcobacense, *Boletim annunciador de impressos da typographia de A. Coelho da Silva.* — Este boletim publicado annualmente pelo sr. Antonio Coelho da Silva, é ao mesmo tempo um especimen typographico, pelo bom gosto da composição e nitidez da impressão. O sr. Coelho da Silva conseguiu organisar em Alcobaça um estabelecimento typographico, que pelos trabalhos que apresenta, rivalisa vantajosamente com as primeiras typographias portuguezas.

A Instrucção Portugueza, *Revista semanal.* — Com este titulo principiou a publicar-se no Porto um semanario litterario, scientifico e artistico, sob a direcção dos srs. M. J. Felgueiras e Carlos Affonso. Consoante o titulo dedica-se mais em especial aos assumptos respeitantes á instrucção, no que deverá prestar um bom serviço.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, *fundada em 1875*, 5.ª serie, n.º 6. Lisboa, Imprensa Nacional. O summario é o seguinte: *Oppida restituta* (as cidades mortas de Portugal), por A. C. Borges de Figueiredo; *Exploração á Africa* (nos ineditos da bibliotheca de Evora), por Lino de Assumpção; *A Ilha do Fogo de Cabo Verde e o seu vulcão*, por Joaquim Vieira Botelho da Costa.

Bulletin de la Société Académique Franco-Hispano-Portugaise de Toulouse, tomo VI, 1885, n.º 2. O summario d'este numero é o seguinte: *Procès-verbaux*, extracto da sessão extraordinaria de 8 de janeiro de 1885, presidencia de Mr. Clément Sipière; *Les tremblements de terre en Espagne*, discurso pronunciado na commissão de soccorros por Mr. Clement Sipière; Subscripção aberta na Sociedade Franco-Hispano-Portugaise; *Compte-rendu du congres archeologique* (51.ª sessão), por M. l'abbé Cau-Durban; *Le sceau de Loja et la sigillographie pittoresque, principalement en Espagne*, por M. E. Travers, archivista-paleographo membro correspondente da Sociedade Franco-Hispano-Portugaise.

O Instituto, *Revista scientifica e litteraria*, volume XXXIII, Dezembro de 1885, segunda série, n.º 6, Coimbra. Uma das publicações litterarias e scientificas mais importantes do paiz. O summario d'este numero é o que segue: *D. Fernando*, por A. A. da Fonseca Pinto; *Parecer sobre o projecto de reforma dos estudos professados na faculdade de direito, elaborado pela commissão para este fim nomeada em conselho da faculdade de 16 de Abril de 1883*, por Manuel de Oliveira Chaves e Castro; *Estudos sobre a divida publica*, por José d'Oliveira Machado; *Faune conchyliologique marine du nord-ouest du Portugal*, por Augusto Nobre; *Noticia*, por F. A. Rodrigues Gusmão; *Boletim do Instituto*; *Chronica*, por F. P.

TYP. ELZEVIRIANA — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.